

ABU FOBIYA
ALEXANDRE OTTONI
DEIVE PAZOS

Protocolo Bluehand: Zumbis

SEU GUIA DEFINITIVO CONTRA
OS MORTOS E OS VIVOS

1ª EDIÇÃO

Copyright © Abu Fobiya

Protocolo Bluehand: Zumbis

Seu guia definitivo contra os mortos e os vivos

Revisão

Jair Barbosa

Arte da Capa

André Carvalho/Márcio L. Castro

Projeto Gráfico e Diagramação

André Carvalho

Ilustrações

Márcio L. Castro

Editor

Deive Pazos Gerpe

F651p Fobiya, Abu
Protocolo Bluehand: Zumbis : seu guia definitivo contra os mortos
e os vivos / Abu Fobiya ; ilustração Márcio L. Castro. -- Curitiba:
Nerdbooks, 2012.
272 p. : il.

ISBN: 978-85-913277-3-7

1. Ficção brasileira. I. Castro, Márcio L. II. Título.

CDD 869.93



www.jovemnerd.com.br

2012 - Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução,
no todo ou em parte, por de qualquer meio.

Dedicado a George A. Romero,
por nos fazer acreditar
que um homem morto pode andar.

LEIA COM ATENÇÃO → 5
ESTE LIVRO PODE MUDAR SUA VIDA → 7

Regras Básicas → 10

Capítulo 1: **TODA A VERDADE**

SOBRE OS ZUMBIS → 11
O INIMIGO → 15
COMO SE DÁ A ZUMBIFICAÇÃO → 29
FICÇÃO VS. REALIDADE → 40
OUTROS TIPOS DE ZUMBIS → 46
OS OLHOS - O RELATO DE UM SOBREVIVENTE → 55

Capítulo 2: **É ASSIM QUE O MUNDO ACABA** → 59

COMO SE COMUNICAR SEM ENERGIA ELÉTRICA? → 77
RECONHECENDO O SURTO → 78
DEFININDO PRIORIDADES COM A REGRA DOS 3 → 82
A IMPORTÂNCIA DA ÁGUA → 83
O SEGUNDO PIOR CENÁRIO POSSÍVEL: TERREMOTO DURANTE UMA EPIDEMIA ZUMBI → 89
O PIOR CENÁRIO POSSÍVEL: REVERSÃO DOS POLOS MAGNÉTICOS DA TERRA DURANTE A EPIDEMIA ZUMBI → 93
COMO FALAR COM SEUS FILHOS SOBRE OS ZUMBIS → 95

Capítulo 3: **ENCARANDO A REALIDADE** → 99

DESAPEGO → 106
A IMPORTÂNCIA DOS EXERCÍCIOS FÍSICOS → 106
OS SEIS ESTÁGIOS DO LUTO → 110
LIDANDO COM CORPOS → 114
APOCALIPSE ZUMBI: O BRASIL ESTÁ PREPARADO? → 117

Capítulo 4: **SOBREVIVÊNCIA** → 119

POR QUE A HUMANIDADE PRECISA DE UM BLUEHAND? → 125
O SURGIMENTO DE UMA "COLMBIA" → 129

KIT DE EVACUAÇÃO → 135
OS MELHORES REFÚGIOS → 139
COMO PROTEGER SEU ABRIGO → 150
O MITO DAS ARMAS DE FOGO → 155
ARMAS IMPROVÁVEIS → 158
ARMAS QUE NÃO SE DEVE UTILIZAR → 162
PROTEÇÃO → 164
COMO UM ZUMBI PODE MORDER COM TANTA FORÇA? → 167
O MITO DA ABUNDÂNCIA → 168
ONDE CONSEGUIR ALIMENTO? → 172
VISCOSO, MAS GOSTOSO - O QUE COMER QUANDO NÃO TIVER O QUE COMER: → 173
O QUE NÃO COMER: → 175
MEDICAMENTOS E HIGIENE PESSOAL → 182

Capítulo 5: **O PIOR AINDA ESTÁ POR VIR** → 191

DESTRINCHANDO AS MILÍCIAS → 193
TIPOS DE MILÍCIAS → 196
MODUS OPERANDI → 200
CENÁRIOS FUTUROS → 204

Capítulo 6: **"ZUMBIS JURIDICUS"** → 207

CAPÍTULO 6.1: O DIREITO DOS ZUMBIS → 211

Capítulo 7: **VIDA PRÁTICA** → 215

COMO SE VIRAR SEM (QUASE) NADA → 220
CUIDADOS NO DIA A DIA → 230
A IMPORTÂNCIA DO SEXO → 235
MANTENDO A MENTE OCUPADA → 240
A REDE BLUEHAND → 244
DEZ DICAS PARA UMA VIDA FELIZ COM ZUMBIS → 250
O MUNDO DO AMANHÃ → 254

Epílogo: **FUI MORDIDO, E AGORA?** → 257

BIBLIOGRAFIA → 262

LEIA COM ATENÇÃO

Assim como os seres humanos, zumbis são criaturas absolutamente imprevisíveis. Portanto, é impossível afirmar ao leitor que as técnicas e informações contidas neste guia sejam capazes de garantir em 100% sua vida em caso de enfrentamento. Qualquer livro ou pessoa que fizer tal declaração estará mentindo ou delirando.

Para o máximo aproveitamento desta obra, recomendamos que seu conteúdo seja memorizado e incorporado a seu dia a dia a partir de agora. Se você se importa com seus amigos e familiares, também é recomendado que você adquira para cada um deles seus próprios exemplares. Investir na sobrevivência é investir no futuro!





ESTE LIVRO PODE MUDAR SUA VIDA.

“Uma vez eu conheci um homem que disse:
a morte sorri para todos nós. Tudo o que
um homem pode fazer é sorrir de volta.”

Maximus Decimus Meridius, Gladiador

Prezado leitor,

Há séculos se conhece o poder que os livros têm de transformar a vida das pessoas. Poucos, no entanto, foram escritos para serem o último livro da vida de alguém. É o caso deste que tem em mãos. Tal premissa pouco tem a ver com as qualidades literárias deste manuscrito, mas com o simples fato de que não nos resta muito tempo.

O Protocolo Bluehand: Zumbis foi compilado com a ajuda de inúmeras fontes e especialistas nas mais diversas disciplinas. Biólogos, engenheiros, professores, escritores e cientistas, todos mestres em suas áreas de atuação, e, mais do que isso, verdadeiros representantes do que é ser um bluehand: um indivíduo único, capaz de manter vivo e disseminar a totalidade do conhecimento humano no sombrio futuro que se aproxima.

As informações aqui reunidas devem ser estudadas e memorizadas, porque, tendo fontes tão diversas, podem preparar você não apenas contra a ameaça zumbi, mas também contra qualquer outra situação de emergência, como, por exemplo, um terremoto, ou, então, um terremoto com zumbis.



É importante notar que, ao contrário do protocolo anterior, que compõe esta série (Alienígenas), este não é um livro com táticas de ataque, mas sim com técnicas de sobrevivência, proteção e defesa. O embate direto com os mortos-vivos só é mesmo recomendado em último caso, em todos os outros, evitar o confronto é sempre a melhor opção.

Ainda em relação ao protocolo anterior, que pressupõe uma eventual vitória da raça humana contra invasores alienígenas, este não se permite ser tão otimista. Com a ajuda de elaboradas simulações matemáticas, baseadas em dados obtidos do próprio CDC – Centro de Controle de Doenças – americano, este guia já adianta, de antemão, que não existe possibilidade de vitória porque simplesmente não existe uma guerra a ser vencida. Quanto mais pessoas “nosso” lado perde, mais as fileiras dos mortos-vivos aumentam.

Não estamos, no entanto, tentando disseminar o pessimismo. Pelo contrário. Tendo estudado zumbis há anos, sabemos os horrores que as criaturas que não sentem dor, frio ou sede são capazes de realizar. No entanto, mesmo sendo tão aterradores, talvez também tenham algo a nos ensinar.

Por milênios, a raça humana tem enfrentado e matado a si mesma. Enfrentamos nossos iguais e até nosso planeta, por uma ilusão de vitória mais vergonhosa que a própria derrota. E, depois de tanto sangue derramado, pela primeira vez, estamos diante de um desafio que não podemos vencer. Porque enfrentar os zumbis não é como guerrear contra nossos irmãos. Enfrentar zumbis é, acima de tudo, uma lição de humildade. É admitir o inadmissível, é encarar a própria morte; e não há nada melhor do que olhar nos olhos dela para perceber o que realmente importa nesta vida.

Viva a sua enquanto é tempo.

ATENÇÃO ÀS REGRAS BÁSICAS

Regra nº1 › O apocalipse zumbi não é um passeio no parque. Quanto pior está, pior fica.

Regra nº2 › Tenha cuidado com os mortos e, não se engane, mais ainda com os vivos!

Regra nº3 › Se tiver que lutar, escolha sua arma, mire na cabeça e não erre!

Regra nº4 › Localize e proteja o bluehand.

CAPÍTULO 1

TODA A VERDADE SOBRE OS ZUMBIS



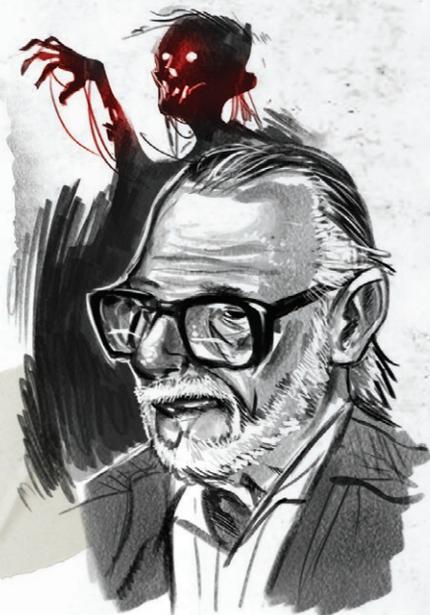
**“Nada é impossível de se matar.
É que, algumas vezes, depois de matar
algo, você tem que continuar atirando
até que ele pare de se mexer.”**

Mira Grant – Feeds

Mortos-vivos. Desmortos. Nzumbe. Zumbis. Seja qual for a denominação, essas fantásticas criaturas, que revelam o que há de melhor e pior na raça humana, circulam entre nós há milênios. As evidências mais antigas de que elas existem remontam à Idade da Pedra: corpos escavados por arqueólogos são frequentemente encontrados decepados ou com o crânio esmagado por pedras ou ferramentas rudimentares. O mais assustador é que estudos com o carbono-14 indicam que a prática geralmente era feita muito tempo depois da morte do indivíduo. O que tinham a temer nossos ancestrais?

Existem relatos de mortos se levantando de suas tumbas em praticamente todas as culturas e livros sagrados, do Antigo Testamento ao Alcorão, passando por haikais budistas, psicografias espíritas e hieróglifos nas pirâmides do Egito. Aliás, o que eram as múmias dos faraós senão zumbis cercados de luxo e riqueza? Na Roma Antiga, era costume se colocar pedras na boca de cadáveres, pois se temia que eles pudessem se levantar de suas tumbas para devorar os vivos. Superstição ou pura verdade?

Foi no século 20 que as criaturas atingiram o auge de sua popularidade, especialmente no cinema, graças à extensa filmografia do diretor e roteirista George A. Romero. O trabalho de Romero, ainda que tenha disseminado conhecimentos equivocados sobre os zumbis (que brevemente serão desmistificados por este guia), constitui um gigantesco patrimônio de utilidade pública. Graças a filmes como “A Noite dos Mortos-Vivos”, “Madrugada dos Mortos” e “Dia dos Mortos”, pessoas do mundo inteiro conscientizaram-se da ameaça que tais criaturas representam para a raça humana.



Entretanto, chega a ser de uma ironia desconcertante notar que, depois de todo o trabalho construído pelo cineasta, os zumbis, que são a segunda maior ameaça ao homem, sendo a primeira ele mesmo, têm sido subestimados, infantilizados e capitalizados nas últimas décadas. Ainda que filmes e jogos de videogame sirvam para ilustrar sutilmente o tamanho da catástrofe que se aproxima, a massificação e até mesmo o absurdo merchandising das criaturas (*) criaram nas pessoas a perigosa ilusão de que elas são simples figuras mitológicas da indústria do entretenimento. Fenômeno semelhante ocorreu após a criação do personagem Zé Colmeia, por William Hanna e Joseph Barbera, em 1958, que levou a uma sangrenta onda de acidentes envolvendo ursos que varreu os Estados Unidos nas décadas seguintes.



Sabemos o que você quer ler, então já vamos nos adiantar, pois o tempo urge. Em resumo, a verdade é apenas uma: zumbis são reais. E muito mais perigosos do que a ficção mais desvairada nos permitiria imaginar. Eles têm caminhado entre nós durante anos, espalhando seu horror e plantando, pouco a pouco, as sementes de nossa destruição. Mas como separar o joio do trigo em meio a tantas interpretações midiáticas sensacionalistas? Como é um zumbi da vida real?

Para nosso infortúnio, existem vários tipos de zumbis, e a todos será dada a devida atenção neste guia que, como o próprio nome diz, se propõe a ser o mais completo contra a ameaça. Os mais conhecidos são os zumbis haitianos, estudados por cientistas de vários países e produto de substâncias alucinógenas, colocadas vulgarmente sob o guarda-chuva da magia negra. Existem também os zumbis derivados de patogenias pouco conhecidas ao homem, os kurus, encontrados na Papua-Nova Guiné. Existem até mesmo fungos, insetos, animais e, pasme, invasores zumbis vindos do espaço sideral.

Ainda que possuam diferenças entre si, é possível traçar alguns denominadores comuns e afirmar que: **zumbi é o indivíduo privado de sua capacidade intelectual, cujo único intento é se alimentar enquanto transforma os outros em seres iguais a ele.**

Antes de se sentir afortunado por jamais ter se deparado com uma dessas criaturas infernais, pense duas vezes. Os mortos-vivos, ao contrário do que dizem os filmes e os outros manuais da concorrência, estão em todo lugar e proliferam-se a velocidades mitológicas enquanto você lê estas mesmas linhas. Dentre todos os tipos, um específico é muito mais perigoso do que todos os outros e requer sua atenção imediata.

O INIMIGO

**“O planeta está ótimo!
As pessoas estão fodidas!”**

George Carlin

A humanidade parece ser obcecada pela própria destruição. O esgotamento dos recursos naturais, a maneira leviana com que utilizamos a água e o solo, a poluição gerada pelo desmatamento, tudo isso acelera ainda mais nossa curta estadia pelo único planeta habitável de que temos notícia. Como se isso não bastasse, à medida em que adentramos no que resta das florestas, voltamos com pequenas criaturas que ali buscavam refúgio, escondidas de nós tal qual furiosas bestas acuadas.

Quando provocadas, essas diminutas ameaças, como vírus, bactérias e outros micro-organismos que jamais tiveram contato com o homem, costumam se defender e revidar com tudo, possivelmente alheias ao próprio poder de destruição. A Influenza, a AIDS, o Ebola, a SARS, todas essas pragas apocalípticas viviam tranquilamente em porcos, aves e macacos até que alguém teve a infeliz ideia de provocá-las, ingeri-las ou, pior, enfiar seus genitais nelas.

Estima-se que em média uma doença por ano rompa a barreira das espécies e encontre em nossa claustrofóbica densidade demográfica um ambiente muito mais apropriado para

se reproduzir. Sem defesas contra essas criaturas desconhecidas, nosso sistema imunológico pouco tem a fazer e é rapidamente nocauteado. A doença então se espalha e uma nova epidemia ganha as páginas dos jornais.

Isso acontece há tanto tempo, o tempo todo, que alguns infectologistas consideram pura sorte o fato de nossa sociedade ainda estar de pé. Estudos recentes indicam que, na corrida para interceptar e compreender essas doenças, nós já estamos há muito atrasados: foram encontrados indícios na África de que o HIV (e seus vários subtipos) já circula entre os humanos desde pelo menos 1929, possivelmente muito antes, e não desde os anos 1970, como se pensava.

Assim como o HIV, outro inimigo sorrateiro circula livremente entre nós há anos: o *T. gondii*. Infame causador da toxoplasmose, é um protozoário que contamina os ratos e os transforma em verdadeiros zumbis sem vontade própria. Uma



vez infectados, os roedores são induzidos a comportamentos suicidas e correm em direção aos gatos para serem devorados. Os bichanos, hospedeiros definitivos do *T. gondii*, continuam a disseminá-lo por suas fezes, infectando novos ratos, aves e até humanos, perpetuando assim seu ciclo de vida. É bastante provável que você tenha o *T. gondii* vivendo dentro de você há anos, uma vez que cerca de 50% da população mundial seja portadora assintomática da toxoplasmose.

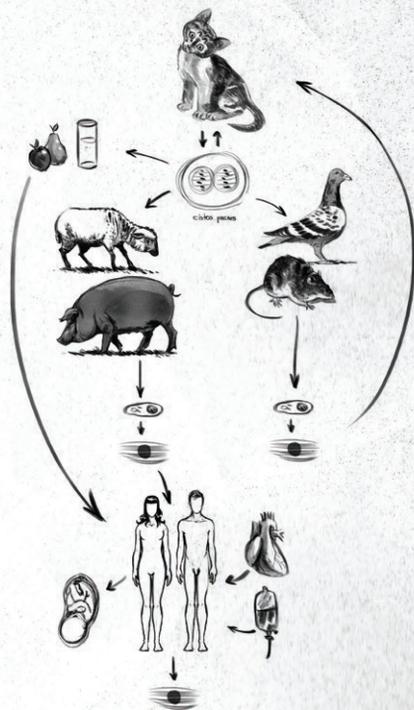
Não há razão para alarde – ainda. Gatos, humanos e o *T. gondii* têm convivido de maneira relativamente pacífica há milênios.

Mas, infelizmente, as coisas mudaram.

O paciente zero

O que acontece quando o *T. gondii*, um protozoário muito mais complexo do que vírus e bactérias, imune a antibióticos e amplamente disseminado entre a população humana, une forças com um de nossos mais vorazes inimigos, que sempre almejou ter acesso a um rebanho tão vasto de presas? Numa trajetória que mais parece uma sucessão de infelizes e improváveis acidentes, nasceu a enfermidade que deve reescrever todas as regras da medicina moderna, além da própria história humana:

a toxozombose.



Tudo começou numa fria e nublada tarde de dezembro de 1989, num hospital público de Michigan, Ohio. Na época, o Doutor A. Lamarino, um jovem residente que estudava os efeitos da toxoplasmose em gestantes, foi chamado às pressas para realizar o parto de uma moradora de rua diagnosticada com a doença. A condição por si só inspirava cuidados, mas duas marcas características no braço da paciente deixaram Lamarino ainda mais apreensivo: ela poderia ter sido mordida por um morcego, muito comum na região e principal transmissor do vírus da raiva. Usuária de drogas, a grávida não soube dizer quando fora mordida e os complicados testes para a detecção da doença, que incluem punção suboccipital e biópsia da pele, não poderiam ser realizados a tempo.

O parto foi então feito normalmente por Lamarino e, mesmo tendo nascido abaixo do peso, com apenas 2,22 kg, o menino foi considerado saudável. Exames logo apontaram a presença do *T. gondii* na corrente sanguínea do bebê, conforme já era esperado, mas o baixo peso não permitia a realização dos exames para a detecção do vírus da raiva. Apesar dos temores, o menino, chamado de John Doe, se desenvolveu de forma saudável, ao passo em que a raiva se manifestou na mãe poucos dias depois, levando-a ao óbito, como até hoje acontece em 100% dos casos.

“É a velha história do treinador de animais do zoológico.”, afirmou Lamarino, verborrágico, em depoimento aos editores deste guia. “Ele vê animais selvagens fugindo o tempo todo: leões, macacos, zebras, até elefantes. Mas ele acaba se acostumando a isso e os animais são recapturados tão rapidamente que isso

nem vira notícia. Quando se trabalha em minha área, se vê novas doenças surgindo o tempo todo”, continuou o médico, hoje afastado do CDC.

“Você junta o morcego errado, a mulher com o toxoplasma errado, grávida do cara errado e bang: o resultado é um paciente zero, de uma doença para a qual não existe cura! Para nossa sorte, os “pacientes zero” geralmente morrem antes de espalhar a nova patologia. Aquele menino, Doe, também deveria ter morrido! Mas algo mudou dentro dele. Ele mudou o toxoplasma. Na época do hospital, eu não tinha os recursos nem acesso aos equipamentos para verificar, era um simples residente. Mas guardei as amostras do sangue...”

Sem qualquer traço de enfermidade, John Doe foi entregue a pais adotivos, um jovem casal formado por uma fotógrafa e um analista de sistemas. Mas aquele caso atípico de sobrevivência intrigou o Dr. Lamarino, que guardou as amostras de sangue e acompanhou o histórico médico da criança, sem qualquer intercorrência grave, durante anos.

“Até que, um dia, eu o deixei ir”, disse Lamarino. “Eu era um jovem e talentoso médico, era convidado pelos melhores hospitais, prestes a me casar. Sim, eu deixei John Doe ir”, lamentou. “Mas eu não sou aquele que devem culpar. O que aconteceu depois... não foi culpa minha!”

Aos poucos, Lamarino realmente foi galgando seu lugar no concorrido setor de saúde norte-americano, até ser convidado para trabalhar no prestigioso CDC – Centro de Controle de Doenças – da então administração Bush. A vida também recompensou os pais

10/3/2000

- Colapso
da Nasdaq
e da maioria
das empresas
de internet
"ponto com" ←

adotivos de John Doe, que tiveram uma ascensão meteórica em sua carreira e ganharam milhões de dólares ao criar, em 1999, um serviço de venda de ração canina pela internet.

As coisas iam bem. A família prosperava, enquanto Doe se desenvolvia como um pré-adolescente saudável, até que suas vidas sofreram uma inesperada reviravolta. Em 2001, após a explosão da Bolha Pontocom, foi descoberto pela receita federal americana que os pais adotivos de John Doe estavam envolvidos numa fraude bilionária, que inflava artificialmente os preços das ações da companhia para gerar lucros estratosféricos para seus donos. Após ser descoberta, a família pegou o resto do dinheiro de milhares de clientes, cujos cachorros jamais receberam sua ração, e fugiu clandestinamente para o Rio de Janeiro.

Após a chegada ao Brasil, a família de Doe passou por grandes provações. Caçados por credores furiosos e pela receita americana, eles foram mudando de casa em casa, primeiro um hotel em Copacabana, depois pousadas cada vez menores em bairros mais afastados, até se refugiarem no Morro de Santa Teresa, onde evidentemente enfrentaram uma abissal queda em seu outrora elevado padrão de vida.

A nova e chocante realidade fez com que o menino John, agora com 12 anos, fosse exposto a piores condições de higiene e a novos micro-organismos, que submeteram seu sistema imune a níveis inéditos de estresse.

"Se eu fosse apostar meu dinheiro, eu diria que foi ali que surgiu a doença – e não sob meu relógio. Ela estava controlada. Doe era assintomático, eu acompanhei seu histórico durante anos! Anos!", chorou Lamarino.

Em pouco tempo, o agora adolescente John Doe adoeceu. A dificuldade em se expressar ou concatenar pensamentos foi atribuída à adaptação ao português do Rio de Janeiro (e só depois tida como um sintoma da doença). O aumento em sua agressividade foi considerado pelos pais consequência de tantas mudanças e fugas, até que Doe foi tomado por um súbito acesso de raiva no qual atacou e mordeu o pai. Sem acesso ao sistema de saúde por ser um imigrante ilegal, ele passou dias agonizando, enquanto o filho foi amarrado pela mãe com a ajuda dos vizinhos.

Dias depois, o pai repetiu o comportamento de Doe. A agressividade animalésca que manifestou foi o bastante para arrebentar as cordas que o amarravam. Ele atacou a esposa e devorou-lhe os intestinos. Não satisfeito, atacou nada menos que um bonde que fazia o transporte de dezenas de turistas europeus e americanos. “O brother simplesmente se jogou dentro do bondinho, atacou os turistas, foi o maior caô, um pandemônio sinistro!”, disse uma testemunha. Sangue e cacos de vidro voaram para cima dos passageiros, enquanto o homem avançou sobre eles,



mordendo e arranhando a todos, até se deter sobre o motorista e arrancar-lhe as entranhas. O ataque só cessou após o homem ser atingido pelos disparos de um traficante.



A doença se espalha

Os turistas atacados pelo pai de Doe, todos em estado de choque, foram mandados para hospitais da região. Aqueles que haviam sido mordidos permaneceram em observação e manifestaram sinais de demência após alguns dias. O quadro rapidamente evoluiu para o óbito. Os sobreviventes foram liberados e puderam voltar para seus países.

A equipe de Lamarino chegou a ser informada pelas autoridades cariocas na época, mas não deu a devida atenção, pois parecia ser “um caso isolado”. O médico se defende: “Se você me perguntar, a ordem que veio ‘lá de cima’ foi de não fazermos nada. Ninguém do CDC foi até o Rio. As pessoas mordidas manifestavam os sintomas da raiva de maneira muito mais intensa, mas morriam em poucos dias. A inflamação no cérebro levava à agressividade, tornava-as animais selvagens. Nada podia pará-las, mas uma hora, com uma taxa de mortalidade tão

grande, sabíamos que a doença iria ‘se queimar’ (burn out) assim que todos os hospedeiros morressem.”

“Veja, não é o procedimento-padrão do CDC ignorar um episódio desses. Acontece que estávamos ocupados demais, segurando um touro pelos chifres, se é que me entende.”, afirmou. “O 11 de setembro tinha acabado de ocorrer. Eu perdi um tio naquele dia. A ordem foi que todos os esforços fossem voltados para possíveis ataques bioterroristas em solo americano. Procurávamos pelo fim do mundo quando ele acontecia bem ali na esquina.”

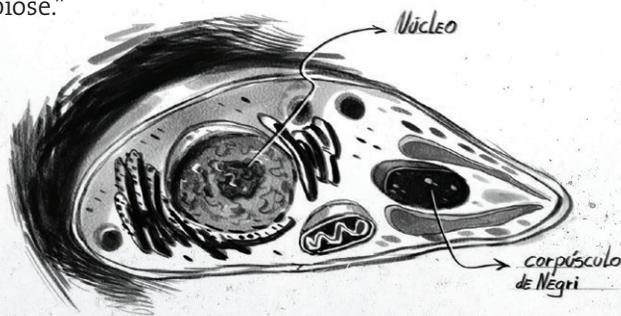
Sem a devida atenção do CDC, os turistas europeus e americanos que não manifestaram os sintomas, tal qual John Doe, levaram vida normal durante anos, sem saber que um traiçoeiro inimigo havia encontrado um caminho até seu cérebro por meio dos menores e imperceptíveis respingos de sangue. Enquanto isso, no Morro de Santa Teresa, os vizinhos que haviam tido contato com Doe e sua família mantiveram vivo o “legado” da toxozombose. A região, cercada de favelas, é adorada por turistas de todos os lugares do mundo e repleta de restaurantes e bares boêmios.

“Se você fosse uma nova espécie de protozoário”, explica Lamarino, “você iria adorar o Rio de Janeiro. O clima quente, a densidade demográfica, em especial nas favelas, as condições de higiene em muitas delas, a facilidade de ir e vir, o intenso tráfego de turistas... imagina na Copa! No Rio de Janeiro, a doença encontrou seu lar. Casos e mais casos começaram a ser reportados, mas ainda estávamos ocupados demais com o anthrax.” Lamarino referia-se àquela que foi considerada a maior onda de ataques bioterroristas em solo americano, que vitimou 17 pessoas em 2001, logo após o atentado ao World Trade Center.

A bola de neve continuou crescendo, com mais e mais pessoas sendo infectadas até que, em 2011, implodiu a revolução egípcia que levou à derrocada do poder do ditador Hosni Mubarak. A história contada pela imprensa internacional foi muito diferente da que realmente aconteceu.

Durante as manifestações populares contra o ditador, um homem teria subitamente desenvolvido os sintomas de John Doe, atacando e mordendo todos a sua volta. Rapidamente, o sinal de TV e, depois, da própria internet no país foram cortados, enquanto a doença, agora muito mais resistente, se espalhou e milhares de pessoas foram infectadas, incluindo o próprio ditador Mubarak, atualmente mantido num sigiloso isolamento.

Com a tragédia grega, a doença finalmente teve a devida atenção do CDC. “Mas aí já era tarde demais!”, lamentou Lama-rino. “Com a ajuda do FBI, nós traçamos o percurso da doença de volta ao Rio de Janeiro e, quando descobri que Doe havia morado ali, em Santa Teresa, me senti coadjuvante de uma grande piada cósmica. Desesperado, fui atrás de seu histórico médico, verifiquei novamente suas amostras de sangue e... oh, Deus. Estava lá, o tempo todo, bem em minha cara. O vírus da raiva não havia infectado Doe. Havia infectado o *T. gondii*. É como se ambos tivessem feito uma... simbiose.”



Amostras de corpos e tecidos foram analisadas pelo CDC e comparadas com aquelas guardadas por Lamarino. Foi então descoberta uma nova e alarmante variação do *T. gondii*, nomeada de *T. zombi*. Uma vez contraído, seja por meio do material fecal (herança do *T. gondii*) ou pela mordida (herança do vírus da raiva), o *T. zombi* instala-se na garganta, nos intestinos e, por último, no cérebro.

Juntos, o *T. gondii* e o vírus da raiva ganharam um poder que jamais tiveram separados. Quando o *T. zombi* se alastra pelo cérebro, ele causa alterações de comportamento, aumento na agressividade e, finalmente, necrose de várias partes do corpo, parada cardiorrespiratória e demência assassina, que ignoram por completo as leis da medicina! O mais assustador é que o *T. zombi* continua a se multiplicar mesmo após a aparente morte de seu hospedeiro, fazendo com que ele literalmente se levante de sua tumba.

Tem-se então algo muito próximo ao que os filmes de Romero por anos tentaram nos mostrar: um ser que não está medicamente vivo, mas é capaz de andar, correr e perseguir outros humanos para devorá-los: um legítimo e real zumbi.

Por ora, não há cura para o *T. zombi* e, mais de uma década desde o nascimento de John Doe, o paciente zero, qualquer pessoa pode ser uma portadora sem saber, mesmo que jamais tenha sido mordida. Basta ter apertado a mão de alguém que não costuma lavá-las após ir ao banheiro. Ou ter se sentado no assento errado, ou tocado na maçaneta ou no corrimão de escada rolante errado.

Alguns dos colegas de Lamarino, um seleto grupo de pesquisadores, venderam suas estarrecedoras descobertas em troca de proteção e somas incalculáveis a governos de todo o

planeta. Tais revelações foram igualmente entregues nas mãos dos editores deste guia pelo próprio Dr. Lamarino, hoje refugiado numa localização secreta, que se sentem na obrigação de divulgá-las para o mundo.

Em pouco mais de uma década, o *T. zombi* usou o enorme fluxo de turistas no Rio de Janeiro para se espalhar por todo o globo terrestre e está tão disseminado que não existe grupo de risco: **qualquer um pode estar infectado.** A Grécia foi o primeiro país a cair e muitos devem vir em seguida. Especula-se que em Cuba a situação já esteja totalmente fora de controle, tendo inclusive vitimado Fidel Castro. Neste exato momento, regimes de todo o planeta pressionam seus cientistas e a imprensa, temendo que o anúncio de uma doença fatal pronta para aniquilar a humanidade leve ao fim da civilização como a conhecemos.



O maior trunfo da doença é que grande parte dos portadores do *T. zombi* leva uma vida normal e, assim como no caso da febre tifoide, podem viver anos sem saber que a estão espalhando. Verdadeiras bombas-relógio ambulantes, cujo mecanismo detonador é desconhecido e pode explodir de maneira repentina, transformando sem aviso pessoas absolutamente normais em zumbis assassinos.

Uma nova era está se aproximando.

Estar preparado é sobreviver.

Quem foi Typhoid Mary

Mary Mallon, nascida na Irlanda, em 1869, acabou entrando para a história como a infame “Typhoid Mary”. Mallon, que imigrou para os Estados Unidos em 1884, ganhava a vida como cozinheira em Nova York. Após um inexplicável surto de febre tifoide na cidade, os médicos rastrearam os doentes e descobriram em Mallon a primeira paciente assintomática da doença – mesmo sendo portadora da bactéria, ela não desenvolvia os sintomas, mas podia espalhá-la ao manipular os alimentos com as mãos sujas. Durante seus anos na cozinha de restaurantes novaiorquinos, ela infectou mais de 50 pessoas, das quais 3 morreram. Mesmo depois de ter sido proibida de exercer a profissão, Typhoid Mary mudou de identidade e continuou cozinhando, infectando e matando mais pessoas até ser posta em quarentena permanente num hospital, em 1915, onde faleceu de pneumonia, em 1938.

no
ma
mor
de t
a pr
dou
cozi
Gen
que
vol
Am
mq
nul
vol
sam
tior